

O FILME EM AULAS DE LITERATURA: DAS ARTICULAÇÕES ENTRE FICÇÃO E CONTEXTOS REAIS

*Francisco Renato Lima*¹

A arte enquanto transcendência do real, tem o poder de alcançar os mais íntimos e fecundos sentidos da experiência humana, possibilitando que os expectadores/leitores interajam com o objeto artístico e produzam um sentido, a partir dessa interação. Dentre essas manifestações artísticas a linguagem cinematográfica apresenta-se como um mecanismo de voz ativa e potencializadora dos contextos sociais, culturais e ideológicos a que refere.

Na esfera cinematográfica, têm lugar hoje muito intenso, os filmes, os documentários e as séries, os quais, apresentam-se no formato de aventura, drama, comédia, fantasia, terror, mistério, animação, entre outros formatos (ou subgêneros). Todos eles, independente do gênero ou formato, carregam consigo, a capacidade de abordar enredos e temáticas que mexem com as emoções e promovem um questionamento sobre o entrelace realidade X ficção, evidenciando assim, que “o cinema contribui para desenvolver o que se pode chamar de “competência para ver”, isto é, uma certa disposição valorizada socialmente, para analisar, compreender e apreciar qualquer história” (DUARTE, 2002,

p. 13). Ou seja, as telonas servem como mirante para ampliar os horizontes que enxergam a experiência humana.

Partindo dessa abordagem, trata-se da possibilidade de exploração do filme em aulas de Literatura, criando um vínculo entre a ficção e a realidade. Daí, considerá-lo como um gênero textual, conforme a visão especializada de Costa (2009, p. 113):

FILME (v. CINEMA, FILMETE, DOCUMENTÁRIO): qualquer sequência de cenas cinematográficas (drama, comédia, documentário [v.], etc.), registrada em filme/fita (película de acetato de celulose – primitivamente de nitrato de celulose – revestida por uma emulsão sensível à luz e destinada a registrar imagens fotográficas). Há vários tipos de obra cinematográfica: *Filme de curta, média e longa-metragens*, conforme a construção que se faz do discurso fílmico (conteúdo, estilo, narratividade, período de duração, etc.). (Grifos do autor)

Desse verbete, extrai-se a definição necessária para que se compreenda o filme como um mecanismo interacional e funcional de linguagem, que à serviço da aprendizagem e da formação cultural dos sujeitos, possibilita uma ressignificação das experiências individuais e coletivas dos telespectadores. Por isso, Napolitano (2013, p. 11-12) sugere que “trabalhar com o cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte”, repleta de muitas possibilidades de enxergar a história, a cultura e a própria arte, que tem nos filmes,

<p>Folha Acadêmica do CESH ISSN 2358-2839 (impresso) / ISSN 2358-209X (online) Centro de Ensino Superior de São Gotardo</p>	<p>Número XXIV out-dez 2019</p>	<p>Trabalho 01 Páginas 01-04</p>
<p>http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/folhaacademica</p>	<p>periodicoscesg@gmail.com</p>	

uma metalinguagem de (re)contá-la e atualizá-la constantemente. Xavier (2008, p. 15) ressalta bem, esse papel:

De um lado, o cinema incorpora aquela dimensão formadora própria às várias formas de arte que cumprem um papel decisivo de educação (informal e cotidiana); de outro, ele pode se inscrever de forma mais sistemática no processo educativo, com interação direta com a fala do professor, seja pela produção daquela modalidade especial a que se deu o nome de “filme educativo”. [...] o cinema que “educa” é o cinema que faz pensar, não só o cinema, mas as mais variadas experiências e questões que coloca em foco. Ou seja, a questão não é “passar conteúdos”, mas provocar a reflexão, questionar o que, sendo um constructo que tem história, é tomado como natureza, dado inquestionável.

Dessa maneira, o filme propicia uma visão crítica, que vai de encontro aos anseios e necessidades da educação contemporânea, a qual pretende formar sujeitos capazes de pensar criticamente, de forma interdependente, inserindo-se na cultura e na história, como protagonista e não como expectador passivo. É essa a visão que sustenta os modos de interação e enunciação reflexiva e colaborativa propiciadas pelo filme, elemento cultural que “possui uma estrutura em sua produção que deve ser levada em consideração enquanto ferramenta educacional de importância no sentido de uma construção da cidadania e sua parcela de contribuição pela escola ou universidade” (CAMPOS, 2007, p. 07).

Mas, para que essa opção pelo filme em sala de aula seja de fato produtiva, dentro do contexto de ensino e aprendizagem em que os sujeitos estão envolvidos, é necessário

que haja toda uma estrutura didático-pedagógica, que perpassa pelo planejamento, a execução dos conteúdos e avaliação, de modo que a atividade não se torne apenas uma forma mecânica e vertical de “passar conteúdos”, como diz Xavier (2008) ou um ‘passatempo’ nas aulas, sem critérios ou opções metodológicas claras e bem definidas, que objetivem o desenvolvimento de competências e habilidades junto aos alunos.

Advogando que o filme seja um espaço de interação e propiciador de exploração de múltiplas linguagens na esfera educacional, Lima; Carvalho (2015, p. 168-169) ressaltam que:

O diálogo entre cinema e educação valoriza as formas discursivas de produção do conhecimento, uma vez que a ‘ sétima arte ’ é um gênero discursivo que possibilita uma relação dialógica com aspectos históricos, políticos e culturais que fazem parte do currículo prescrito e praticado pela escola. Se bem selecionadas pelo professor, as imagens apresentadas pelo cinema possibilitam uma leitura crítica e articulada aos recortes do real à luz de como ele foi apresentado e a avaliação sobre esse recorte, fazendo com que o aluno amplie suas competências e habilidades de reconhecimento de seu lugar social no mundo e das relações entre homem e espaço, em processo de transformação e mudança recíprocas.

Nas aulas de Literatura, esse “diálogo” é muito fecundo, uma vez que, ao constituir-se também, como uma forma de manifestação artística, o texto literário emparelha-se com o filme, conforme uma visão dialógica e responsiva da linguagem, como propõe Bakhtin (2009). Tem-se assim, duas formas de artes, possíveis de serem avizinhas e

<p>Folha Acadêmica do CESC ISSN 2358-2839 (impresso) / ISSN 2358-209X (online) Centro de Ensino Superior de São Gotardo</p>	<p>Número XXIV out-dez 2019</p>	<p>Trabalho 01 Páginas 01-04</p>
<p>http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/folhaacademica</p>	<p>periodicoscesg@gmail.com</p>	

colocadas a serviço do trabalho pedagógico com a linguagem. Esse aspecto está presente, inclusive, nos livros didáticos de Língua Portuguesa e Literatura, que em cada capítulo ou unidade de ensino, abordagem dos conteúdos sugerem algum filme ou documentário, como leitura complementar à discussão. “No cinema a relação com a literatura é de extrema proximidade pois elementos textuais e ficcionais permitem-nos observar que a linguagem cinematográfica está construída neste contexto” (CAMPOS, 2007, p. 09).

Nesse caso, a ressalva a ser feita é que, o ato de assistir ao filme não substitua a leitura da obra literária original, considerando-se que a versão cinematográfica constituiu uma outra forma de linguagem, por meio de recursos visuais e sonoros. Na passagem do texto literário para o filme, ocorre uma adaptação e, portanto, o produtor tem a liberdade de fazer ajustes, modificações, alterações e mudanças no enredo, não havendo assim, literalmente, a chamada “fidelidade”. Na verdade, essas adaptações, constituem “a possibilidades de diferentes leituras de um texto da mesma forma que um romance pode motivar diversas adaptações. Sendo assim o dialogismo intertextual, portanto, auxilia-nos a transcender a aporias da “fidelidade”” (STAM, 2008, p. 21). Dessa maneira, assistir ao filme não dispensa a leitura do livro. São leituras complementares

e dialógicas entre sim, mas nunca excludentes.

Ressaltado esse aspecto, que constitui ainda um outro problema a ser superado dentro da discussão aqui abordada, recorre-se a voz de Barros (2013, p. 87), ao destacar diretamente o papel dos filmes nas aulas de Literatura:

[...] a linguagem cinematográfica pode sintetizar inicialmente a abordagem literária em sala de aula, logo, através dessas leituras é possível perceber que ambas as artes despertam uma amplitude sob a leitura do mundo diante dos olhos do espectador. E é através do cinema que ponderamos neste caso **o incentivo na formação de novos leitores** principalmente no meio literário, onde ambas as artes sustentam uma contribuição uma com a outra para **a criação de leitores** e cinéfilos na contemporaneidade, isto é, sujeitos culturais. (Grifos nossos)

Os trechos em destaque, põe em evidência, a aliança entre filme e Literatura como propícia à formação de leitores críticos, aspecto principal que sustenta o trabalho escolar hoje, e sobre o qual, deve-se lançar um olhar atento e propício ao trabalho com Literatura em sala de aula, a fim de desenvolver o letramento literário dos alunos.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHINOV, Valentin Nikolaevich). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

BARROS, Cristiano Alves. Cine ler: o cinema em sala de aula como recurso estimulador para a formação de novos leitores. In: I Simpósio de Linguística, Literatura e Ensino do Tocantins, *Anais...* UFT/Araguaína-TO, 11 a 13 nov. 2013, p. 76-87. Disponível em: <<http://www.uft.edu.br/SILLETO/anais/Cristiano%20Alves%20Barros.pdf>>. Acesso em: 04 ago. 2019.

CAMPOS, F. *Roteiro de cinema e televisão: a arte e a técnica de imaginar, perceber e narrar uma história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

COSTA, Sérgio Roberto. *Dicionário de gêneros textuais*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

DUARTE, R. *Cinema e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

LIMA, Francisco Renato; CARVALHO, Maria Angélica Freire de. O cinema e o letramento crítico em sala de aula: o filme Central do Brasil como proposta de reflexão sobre o tema alfabetização. *Revista Educação, Cultura e Sociedade*, Sinop, v. 5, n. 2, p. 167-182, jul./dez. 2015. Disponível em: <<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/educacao/article/view/1888/1480>>. Acesso em: 20 out. 2019.

NAPOLITANO, Marcos. *Como usar o cinema em sala de aula*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2013

STAM, Robert. *A literatura através do cinema: realismo, magia e arte da adaptação*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

XAVIER, I. Um cinema que “educa” é um cinema que (nos) faz pensar. Entrevista. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 13-20, jan./jun. 2008.

¹ Mestre em Letras pela Universidade Federal do Piauí, graduado em Pedagogia pela Centro Universitário Santo Agostinho e em Letras – Português/Inglês pelo Instituto de Ensino Superior Múltiplo. Professor substituto da Universidade Federal do Piauí. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/3152885404404790>.

<p>Folha Acadêmica do CESH ISSN 2358-2839 (impresso) / ISSN 2358-209X (online) Centro de Ensino Superior de São Gotardo</p>	<p>Número XXIV out-dez 2019</p>	<p>Trabalho 01 Páginas 01-04</p>
<p>http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/folhaacademica</p>	<p>periodicoscesg@gmail.com</p>	